

# **RAIOS E CORISCOS**

**OS DITOS DE ANTANHO  
NAS VOZES DO POVO**



## **MONTAGEM E RECOLHA**

**Domingos Vaz Chaves**

**2.ª edição**

*“Ao meu povo e à minha gente...”*



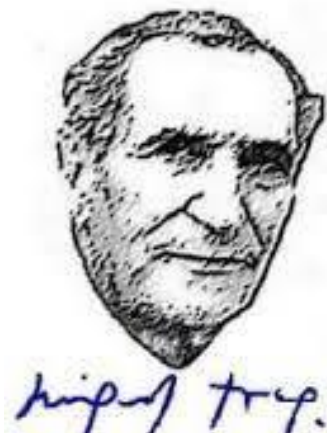
*“Ser transmontano é uma Honra!...  
Ser Barrosão são duas”...*

## REGRESSO

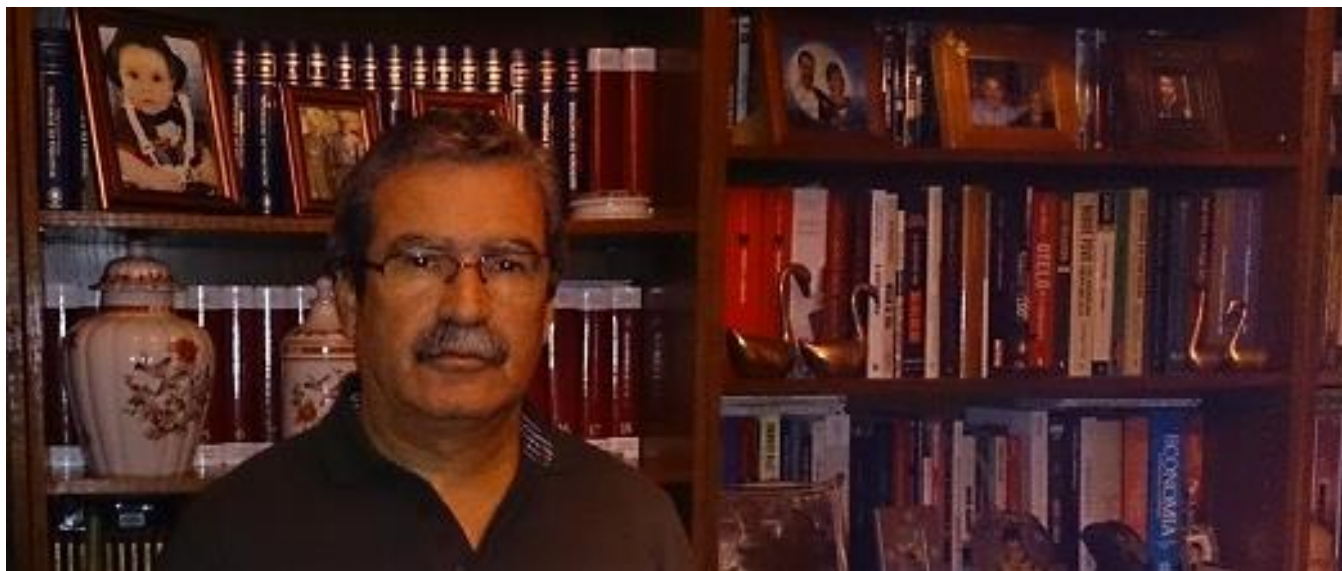
Regresso às fragas de onde me roubaram  
Ah!... Minha serra, minha dura infância!...  
Como os rijos carvalhos me acenaram,  
Mal eu surgi, casado, na distância!...

Cantava cada fonte à sua porta:  
O poeta voltou!...  
Atrás ia ficando a Terra morta  
Dos versos que o desterro esfarelou.

Depois o céu abriu-se num sorriso  
E eu deitei-me no colo dos penedos  
A contar aventuras e segredos  
Aos deuses do meu velho paraíso..







. . . **DOMINGOS VAZ CHAVES**, nasceu a 3 de Agosto do ano de 1954, na freguesia de Gralhas, concelho de Montalegre. Ali viveu com os seus avós maternos até aos 7 anos de idade. É filho de José Fernandes Chaves e de Teresa Vaz Chaves, neto paterno de José Fernandes Chaves e de Maria Dias e materno, de Domingos Vaz e de Maria da Glória Gonçalves Carneiro, todos naturais da dita freguesia de Gralhas, do concelho de Montalegre.

Na sua aldeia, iniciou a instrução primária, tendo rumado a Lisboa, onde actualmente vive, quando frequentava a 2.ª classe. Em 1965, após concluir a 4.ª classe e efectuado o então necessário e obrigatório exame de admissão para acesso ao ensino secundário, iniciou os seus estudos no extinto Liceu Nacional de Gil Vicente, também em Lisboa.

Passados três anos, em 1 de Agosto de 1968 inicia-se no mundo do trabalho no sector privado, e em 19 de Outubro de 1981, ingressou na Policia de Segurança Pública, a qual surgiu no seu percurso, através de um concurso público.

Após a respectiva candidatura e a prestação das necessárias provas, deu entrada na Escola Prática de Policia, tendo frequentado o Curso de Formação de Agentes na cidade de Torres Novas.

Concluído o mesmo, é colocado em Lisboa, local onde permanece até Outubro de 1985, data em que regressa à Escola Prática de Policia, para frequentar um curso de promoção a chefe. Após frequência do mesmo com aproveitamento, regressa de novo a Lisboa, onde volta a ser colocado. A partir daí reiniciou os seus estudos e após conclusão do 12.º ano no Liceu D. Pedro V, no ano de 1989 entra na Faculdade de Direito de Lisboa, onde frequentou o respectivo curso.

Sindicalista desde os tempos do Estado Novo, foi um dos principais activistas da causa sindical na PSP, e enquanto co-fundador, ainda na clandestinidade, da primeira Associação na Instituição – a Associação Sócio Profissional da Policia -, foi um dos principais intérpretes e impulsionadores da chamada “*Batalha de Lisboa*”, revolta ocorrida em 21 de Abril de 1989, que colocou Policias contra Policias no Terreiro do Paço e que levou à demissão do então Ministro da Administração Interna, Silveira Godinho, do Governo de Cavaco Silva.

Em Novembro de 1996, através de sufrágio directo, é eleito para vogal do Conselho Superior de Justiça e em 1999, faz a denúncia no Parlamento Europeu, junto da Comissão Parlamentar de Direitos Liberdades e Garantias, da violação de direitos sindicais e constitucionais por parte do Governo português.

Paralelamente à sua actividade, leccionou na Universidade Lusitana, tendo nos últimos anos dedicado algum do seu tempo à escrita, da qual se destacam para além desta pequena obra, História da Policia em Portugal-Formas de Justiça e Policiamento, Moralidade e Ética Policial, Estórias e Combates de uma Vida, Humberto Delgado – Um Crime sem Castigo, A Desertificação nas Terras de Barroso, O Sagrado no Imaginário Barrosão, O Último Enforcado em Montalegre, Direitos Fundamentais e dos Cidadãos, Relatos e Crimes do Arco da Velha, Gralhas-Minha Terra Minha Gente e Terras de Barroso-Origens e Características de uma Região.



## O HOMEM E A SOCIEDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO

Será difícil, a quem demanda hoje as terras de Barroso, imaginar com alguma profundidade, aquilo que a mesma foi desde os primórdios, ou mesmo até aos anos 50 das migrações para o litoral, para os grandes centros urbanos, ou ainda para o tempo em que se iniciou o processo de emigração para França nos anos 60. Só os mais antigos, aqueles que contam para além dos 60 e que calcorrearam abaixo e acima as ruas das aldeias desta região, ou as íngremes ladeiras das suas vastas serranias, poderão ter uma ideia sui-generis, daquilo que foi esta região no passado «recente», já que quanto aos tempos mais longínquos, muitas dúvidas subsistem.

No que diz respeito ao primeiro mote, posso afirmar com toda a clareza, que a diferença é uma coisa impensável!... Naqueles tempos, não havia jornais que ali chegassem, não havia rádio, não havia televisão. Notícias era uma nulidade e Barroso não passava de um «mundo» fechado, envolvido pelas suas casas de colmo, por uma civilização pré-industrial e comercial, tão edénico e bucólico, que a medida da fortuna, não se fazia pelas cifras do dinheiro, mas pelos alqueires de pão «colhidos», pelas quilos de batatas arrancados à terra, ou pela unidade «cabeça de gado», que cada um tinha e por quem se jurava: *«nem que me desses uma vaca cum bezerro»*.

Mas esse mundo morreu!... Só vive, como disse, nos microcosmos dos filhos da terra, que contam para além do tal meio século, e com eles desaparecerá para sempre, a não ser, que alguém dedique algum do seu ócio, a registar tanto quanto possível, vivências passadas, velhos provérbios, costumes e tradições. Alguém, bastante inserido nessa sociedade de antanho, pela paixão das pessoas, *estórias* da sua criação e ao mesmo tempo com capacidade de confronto dessa realidade!... De uma realidade civilizacional que os nossos filhos, os nossos netos e as gerações vindouras têm o direito de conhecer. Um desses exemplos, eram as rivalidades entre aldeias vizinhas, onde cada pessoa, cada grupo procurava chamar a si as virtudes da sua terra, contra alegados devaneios praticados noutros lugares, que chegavam ao seu conhecimento e não serviam de ano a quem os praticava, nem à vila, aldeia, ou lugar que habitavam. É desses “provérbios” e desses “feitos”, que aqui procurarei retratar as vozes do nosso povo, numa espécie de “*cantigas de escárnio*”, muito usuais há cerca de um século atrás, procurando transportá-los até às gerações actuais e a quem se lhes seguir...

Domingos Chaves

# **RAIOS E CORISCOS**

## **OS DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO**



## **MONTAGEM E RECOLHA**

**Domingos Vaz Chaves**

2.ª edição



# A MARCHA DE MONTALEGRE

Ai!... Não há gente  
Mais valente e prazenteira.  
Do que esta cá da fronteira  
Do Norte de Portugal!...

Nem tão alegre  
Como a tua, ó Montalegre,  
Gente forte cá do Norte,  
Que nada teme, afinal!...

É Montalegre o meu suave cantinho,  
Chamem-lhe embora os outros “Terra Fria”;  
Alegre e quente e sempre a paz de um ninho,  
E Montalegre é a terra da alegria.

Guarda avançada desta Lusa Terra,  
Do teu castelo, eu vejo nas ameias,  
Igual àquele que me reflui nas veias,  
Sangue de heróis, vertido em tanta guerra!...

O teu castelo,  
Quando a noite o luar  
Vem do céu p’ra o beijar,  
Gosto vê-lo:  
Lembra um guerreiro,  
Desses tempos de então,  
A quem o coração,  
Fez prisioneiro.

Destas alturas,  
Desta terra sem par  
Que também sabe amar.

Mesmo entre agruras;  
E então eu creio,  
Vendo-o tão belo,  
Que és tu a fada  
Enamorada  
Do castelo!...



*Padre Ângelo do Carmo Minhava*







**CABRIL**



I

De Cabril são Carvoeiros,  
Pata mansa de Xertelo;  
Pica-burros em Pardieiros,  
E saca bolsas os de Sacoselo!...

II

Em Fafião,  
Como tangerdes  
Assim vos bailarão.



IV

Não sei que cidade é esta,  
onde vai tanta senhora,  
bem hajam as de Pincães,  
Que trajam à lavradora.



III

O bom homem Barrosão,  
Nunca fará contratos  
Com os de Campos, Ruivães e Fafião,  
E os que os fizerem,  
Fodidos estão!...



V

Nossa Senhora das Neves,  
Do lugar de São Lourenço,  
Todo o caminho fui bem,  
Só na barca tive medo.







**VILAR DE PERDIZES**



## DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO

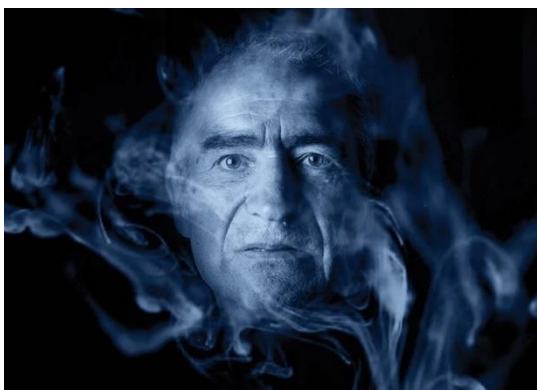
I

Quem tem amores não dorme...  
Se os não tem, não tem paria;  
Que fará quem tem os seus,  
Entre os mouros de Caria!...



III

Machos e fadistas,  
Levam a vida a zurrar,  
Todos são contrabandistas,  
Nos três bairros de Vilar.



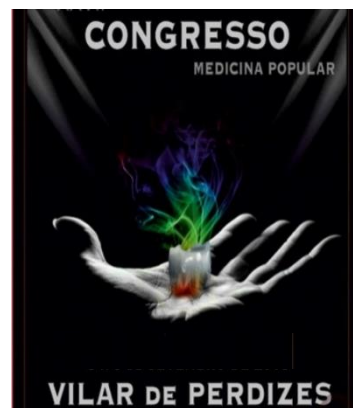
IV

Homem de Vilar,  
E besta muar,  
Sempre têm coices a dar...



II

Jarretas de Vilar,  
Escorna-cruzes de Solveira,  
Arriateiros de Santo André  
E cucos da Ponteira.  
Deram-me de comer  
E deitaram-me na eira.







**VENDA NOVA**

---



I

Alegrai-vos albardeiros,  
Que vem aí palha nova,  
Para fazerdes casacas,  
Aos moços da Venda Nova.



III

Ó moças da Venda Nova,  
Apertai esses coletes,  
Olhai as moças de Salto,  
Parecem uns ramalhetes.



II

Eu passei por Venda Nova,  
Que é uma bonita terra,  
Mas os rapazes andam por lá,  
Com calças à meia-perna.



IV

Adeus... adeus Sanguinhedo,  
És de ladeiras ao fundo,  
Quem vai lá tomar amores,  
Vai-se despedir do mundo.





# MONTALEGRE





**I**

Montalegre e Monforte,  
Merenda e capote!...

**II**

Montalegre é boa terra,  
Dá de comer a quem passa,  
Mas quem não leva dinheiro,  
Nem água lhe dão de graça.

**IV**

O Senhor da Piedade,  
Mora nas lamas do Rolo,  
A corrente sem relógio,  
É feitio de tolo.

**III**

Ó Senhora das Treburas,  
Na alta serra da neve,  
Nossa Senhora livrai-me,  
Dos ladrões de Montalegre

**V**

Os da vila,  
São cães de fila,  
No mês que tenha R,  
Não vás a Montalegre.







# PITÕES DAS JÚNIAS

---



I

Águas frias em Vilaça,  
E requeijões em Pitões,  
Parada não dá nada,  
E Paredes bem o vedes.



II

Pitões, ó Pitões,  
Convento de frades,  
Despedimento,  
De tantos rapazes.



III

Se fores a Pitões,  
Vês um povo forte,  
Onde os espanhóis,  
Tiveram a morte.



IV

Perguntais-me donde sou,  
Onde foi a minha terra,  
A minha terra é Pitões,  
Eu moro à beira da serra.





An aerial photograph of a coastal town with red-tiled roofs, surrounded by green hills and a large blue body of water. The word "VIADÉ" is overlaid in a white box with a blue border.

**VIADÉ**



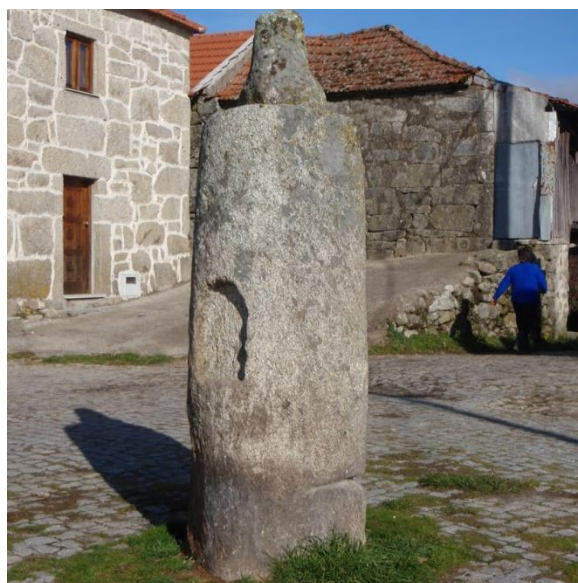
Dizia uma mulher de Viade:

I

Mandei fazer uma capa  
Ao pisoeiro d'Ablenda,  
Ninguém se finte nos homes,  
Que os homes são má fazenda.

II

As meninas de Friães  
Não sabem fiar o linho,  
Mas sabem ir ao louceiro,  
Ver se a caneca tem vinho.



III

Esta noite à meia-noite,  
Ouvi dar um assobio,  
Eram moços de Friães,  
Que se foram lavar ao rio.

IV

Que se foram lavar ao rio,  
Tirar esterco do carrolo,  
Terra de pouco brio,  
Terra de muito parolo





# VILA DA PONTE



## DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO

I

Vila da Ponte foi vila,  
Chaves foi nobre cidade,  
Montalegre, ladroeira,  
Como toda a gente sabe.



III

Adeus ó Vila da Ponte,  
Adeus que me vou embora,  
Moças esperai correio,  
Das onze prá meia-hora.



V

Senhora Santa Luzia,  
Da povoação de Bustelo,  
Dai-me vista nos meus olhos,  
Que andar cego é degredo

II

Canto no rio e no monte,  
Inda não sei o bastante,  
Eu sou de Vila da Ponte,  
Arre burro pra diante.



IV

Ó Bustelo, ó Bustelo,  
Ó Bustelo soleirento,  
Com as moças de Bustelo,  
Não vou perder o meu tempo.







**SANTO ANDRÉ**

---



I

Se fores à Gironda,  
Tráz-me um saiote,  
De barra vermelha,  
E que não desbote.



II

Vaca de Santo André,  
E mulher de Tourém,  
Não servem a ninguém.

III

Com os de Santo André,  
Nem a cavalo nem a pé.



IV

Dormem sono de galinha,  
Bicho que dorme de pé,  
Trazem o sono trocado,  
Os moços de Santo André.





# FIÃES DO RIO





I  
Se tu visses o que eu vi,  
Na povoação de Fiães,  
Uma cadela com pitos,  
E uma galinha com cães.



II  
Fui a Fiães,  
E assogaram-me os cães

III  
Se tú visses o que eu vi,  
À entrada de Fiães,  
Um barbeiro de joelhos,  
A fazer a barba aos cães.







**TOURÉM**

---



## DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO

I

Em Tourém,  
Não dá quem tem  
Senão quem quer bem.

II

Os de Tourém sobre Montalegre:  
Baixas casas e altas torres;  
Algumas árvores, poucas flores;  
Juizes, delegados e escribões;  
De pais a filhos todos são ladrões.



III

Duvide:  
Se levardes a bolsa;  
Vê lá onde a pões.







**SOLVEIRA**

---



## DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO

I

Vaca sem manha  
E mulher sem fama  
Não vêm de Solveira,  
Nem de Ardãos ou Nogueira,  
Nem dos lados da Ribeira.



III

Jarretas de Vilar,  
Escorna-cruzes de Solveira,  
Arriateiros de Santo André,  
E cucos da Ponteira:  
Deram-me de comer  
E deitaram-me na eira.



II

Santo António de Solveira  
Acendeu-me esta fogueira;  
Santo António de Vilar,  
Não ma deixes apagar.



IV

O vento espalha no chão,  
As folhinhas d' amoreira,  
Só não espalha a malícia,







**PADORNELOS**



I

Padornelos vale pouco  
Sendim pouca terra e essa má!...  
Respondem os de Padroso:  
Tomáramo-la nós cá...



II

O lugar de Padornelos  
Pequenino tem dois erros:  
Estar rodeado de bruxas  
E passeio de galegos.



III

Se o casar fosse no fim  
Como foi ao começar  
Não saía de Sendim  
Para tão longe casar.

IV

Sendim  
Terra de gente ruím.







# **PARADELA DO RIO**

---



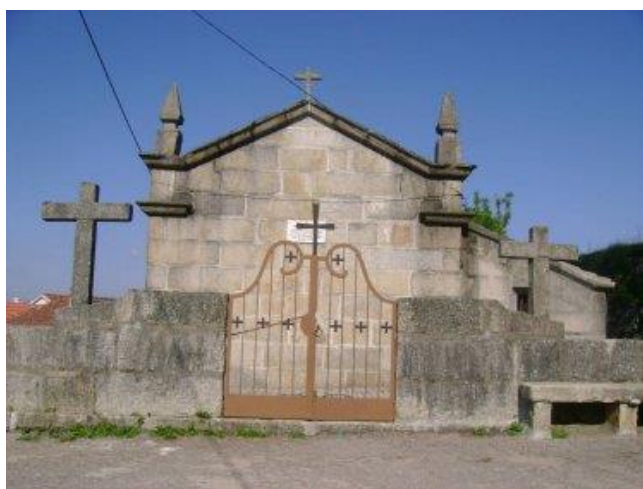
## DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO

I

Fui a Paradela  
Davam-me caldo e não tinham tigela.

II

O cuco e mai-la cuca  
Vieram ambos de fora:  
O cuco vem da Ponteira  
E a cuca de Vila Nova.



III

Fui à Ponteira,  
Chovia como na beira.

IV

Da Ponteira:  
Nem pão, nem vaca,  
Nem madeira.



V

Eu casei-me na Ponteira  
Recebi-me em Paradela  
Deram-me a mulher já prenha  
Dizem que era uso na terra.







**GRAUHAS**

---



## DITOS DE ANTANHO NAS VOZES DO POVO

I  
Trago sempre na lembrança,  
Nossos dias de criança,  
E os caros tempos de Gralhas,  
E as primeiras batalhas,  
Contra o azar e os maus fados  
Em que fomos derrotados.



II  
Na vila de Gralhas,  
Sempre ouve canalhas!...  
Arreda c'ou sou de Gralhas...





A narrow cobblestone street in a village. On the left is a tall, rough stone wall. In the background, there are stone houses with red-tiled roofs. A utility pole with wires is on the right. The sky is blue with some clouds.

**CERVOS**



I

Bom lugar seria Cervos  
Se não tivesse um pecado  
Ficar numa rascalheira  
E ter padre namorado



II

Nossa Senhora do Campo  
Eu já fui moça moderna  
Já varri a capelinha  
Com raminhos de luzerna.

III

Raparigas do Cortiço,  
Abençoadas sejais,  
Vós sois as que dais o risco,  
Adonde quer que chegais.



IV

Ides casar à Ribeira  
Que é terra de muito vinho  
É melhor morrer solteira  
Que casar c'um ribeirinho.







CHÑ



I

Chã – São Vicente

Ruím sitio, ruím gente.

Coelheiros de Medeiros,

Ciganos os de Peireses,

Pretinhos de Travassos da Chã,

Cruza-veigas de Gralhós,

Viajantes de Penedones,

Carvoeiros de Castanheira,

Torgueiros os de Torgueda,

De Firvidas são salta-pocinhas,

Arranca-torgos de Codeçoso da Chã.



II

As moças de Penedones,

Passam por boas senhoras,

Mas agora temos noticia,

De serem boas capadoras.

III

Montalegre está no alto,

Sarraquinhos na Portela,

Quem quer ver as moças lindas,

vai ao lugar de Torgueda.





**MEIXIDE**







I  
Na boda de Meixide,  
Nem faltou fome,  
Nem sobrou comida...

II  
As meninas de Meixide,  
Prometeram-me safões,  
Pensam que são bonitas,  
E são fêas como carvões.

III  
Os rapazes de Meixide,  
São poucos mas valentes,  
Trazem a pia dos porcos,  
Atravessada nos dentes.







**NEGRÕES**



I

Negrões, trinta vizinhos  
Quarenta ladrões  
E com o padre quarenta e sete.



II

Quereis saber onde moro?  
Eu dou-vos a direcção:  
Moro na Rua do Forno,  
Correio de Lamachão.



III

De Lamachão,  
Nem bom homem,  
Nem bom cão.



IV

Os de Lamachão,  
O que dizem à noite,  
Esquecem-no pela manhã.







**OUTEIRO**



I  
Ó Santinho, Santo Ouvido,  
Onde tens tua morada,  
Entre Cela e Outeiro,  
Sirvozelo e Parada.



II  
Adeus lugar de Parada,  
Ai Jesus quem me lá dera,  
A culpa tive-a eu,  
Se lá estava, não viera.



IV  
Quando passei em Barroso,  
Admirou-me Parada:  
Raparigas bem bonitas,  
Mas de camisa borrada.

III  
Menina se tem fastio,  
Apegue-se a Santo Ouvido,  
Senão apegue-se a mim,  
Que ao pé do Santo resido.





# COVELÃES





I  
De Cabril são carvoeiros,  
Pata mansa de Xertelo,  
Pica burros em Pardieiros,  
E saca-bolsas em Sacoselo.

II  
Em Fafião,  
Como tangerdes,  
Assim bailarão.

III  
O bom homem Barrosão,  
Nunca fará contratos,  
Com os de Campos, Ruivães e Fafião,  
E os que os fizerem,  
Fodidos estão...

IV  
Não sei que cidade é esta,  
Onde vai tanta senhora,  
Bem hajam as de Pincães,  
Que trajam à lavradora.

V  
Nossa Senhora das Neves,  
Que ficais nesse lombeiro,  
Dai-me saúde e sorte,  
Que vos não custa dinheiro.





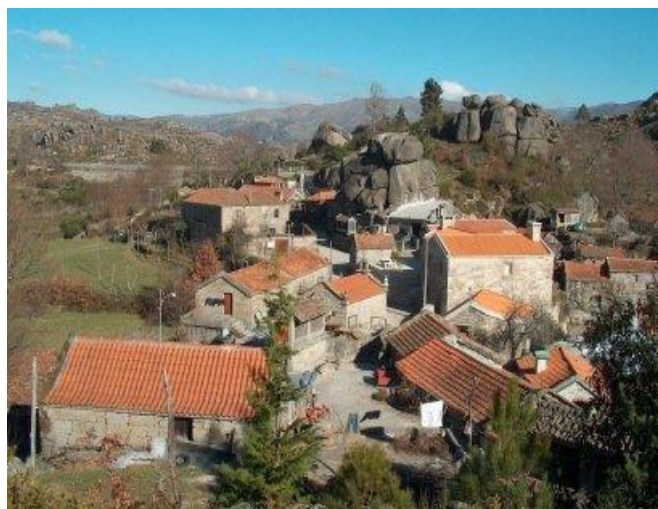


**CONTIM**



I  
Quem quer bem escolher:

Vaca de São Pedro,  
E mulher de Covelo.

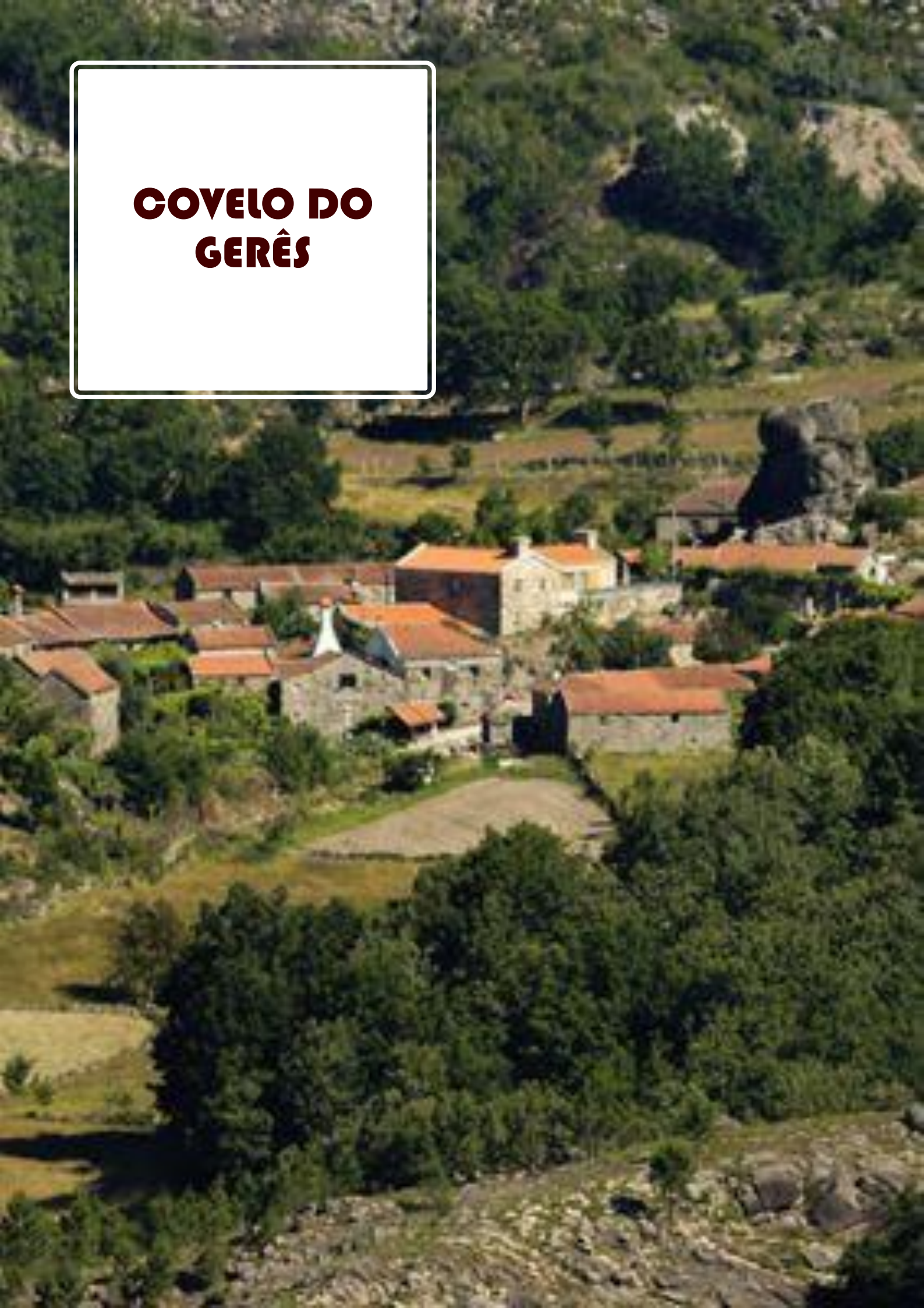


II  
Muito vagar teve Deus,  
Quando fez Cela e Sirvozelo,  
São Pedro e Contim,  
Nogueiró e Sacoselo...





# **COVELO DO GERÊS**





I  
Ó Covelo, ó Covelo,  
Que fazes às raparigas?  
Por muito que te passeies,  
Só vejo porcos e galinhas.

II  
Se fores a Covelo leva pão,  
Que bagaço lá to darão.

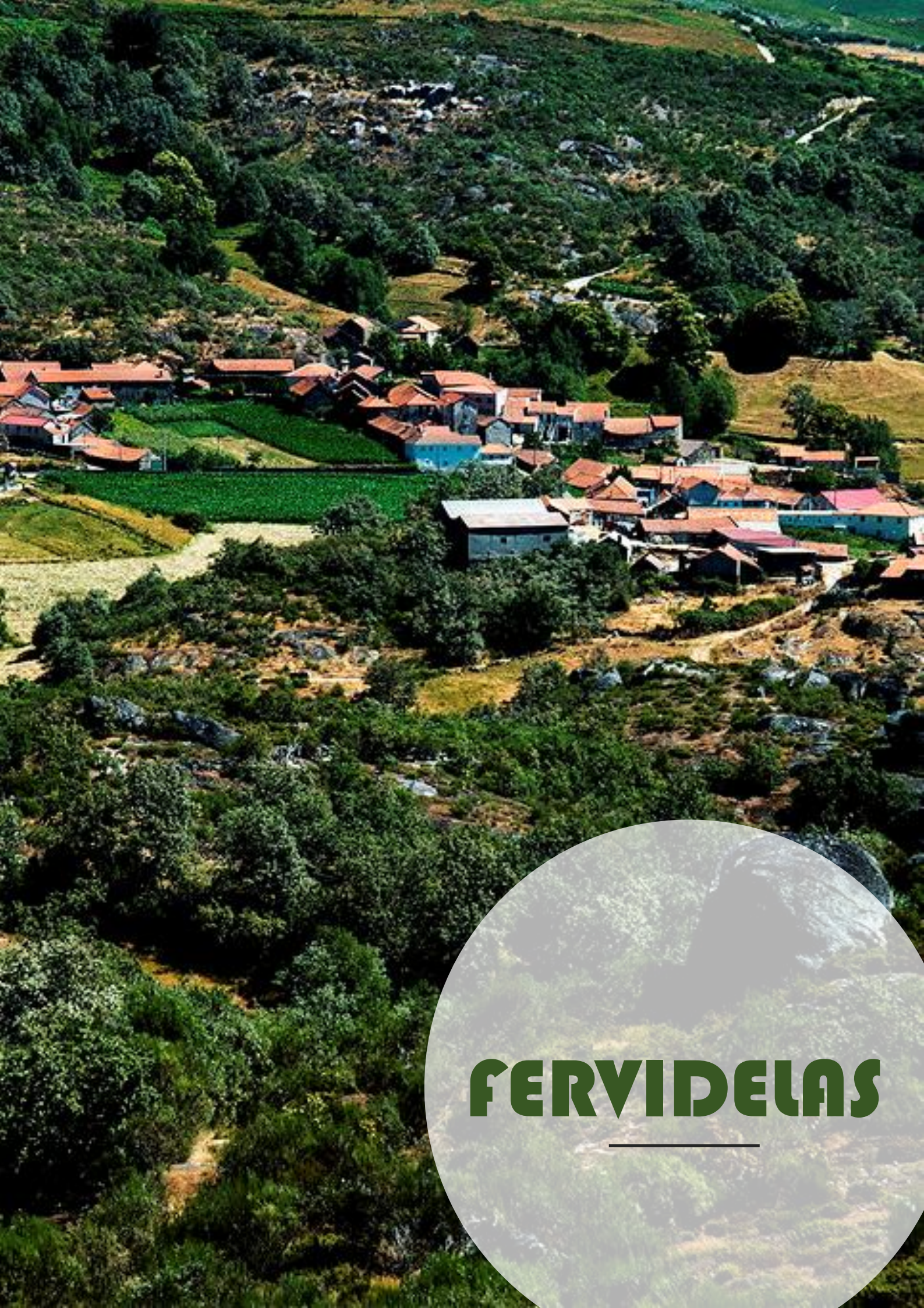


III  
Ó milagroso São Bento,  
Onde tendes a morada,  
No alto da Sexta Freita,  
Numa pedrinha lavrada

IV  
São Bento da Porta Aberta,  
Porque a não tendes fechada?  
Quereides ver as passantes,  
Que vão na beira da estrada.







**FERVIDELAS**

---





I

A rua de Fervidelas,  
É calcetada ao invés,  
Quando os mancos já namoram,  
Que fará quem tem dois pés.



II

De Lamas, nem bom vento  
Nem bom casamento!  
Mas quando Deus queria,  
Até de norte chovia.



II

Burros brancos de Bustelo,  
Escalda-pobres de Friães,  
Corta goelas de Fervidelas,  
E esfolia gatos de Ladrugães.







**MORGADE**



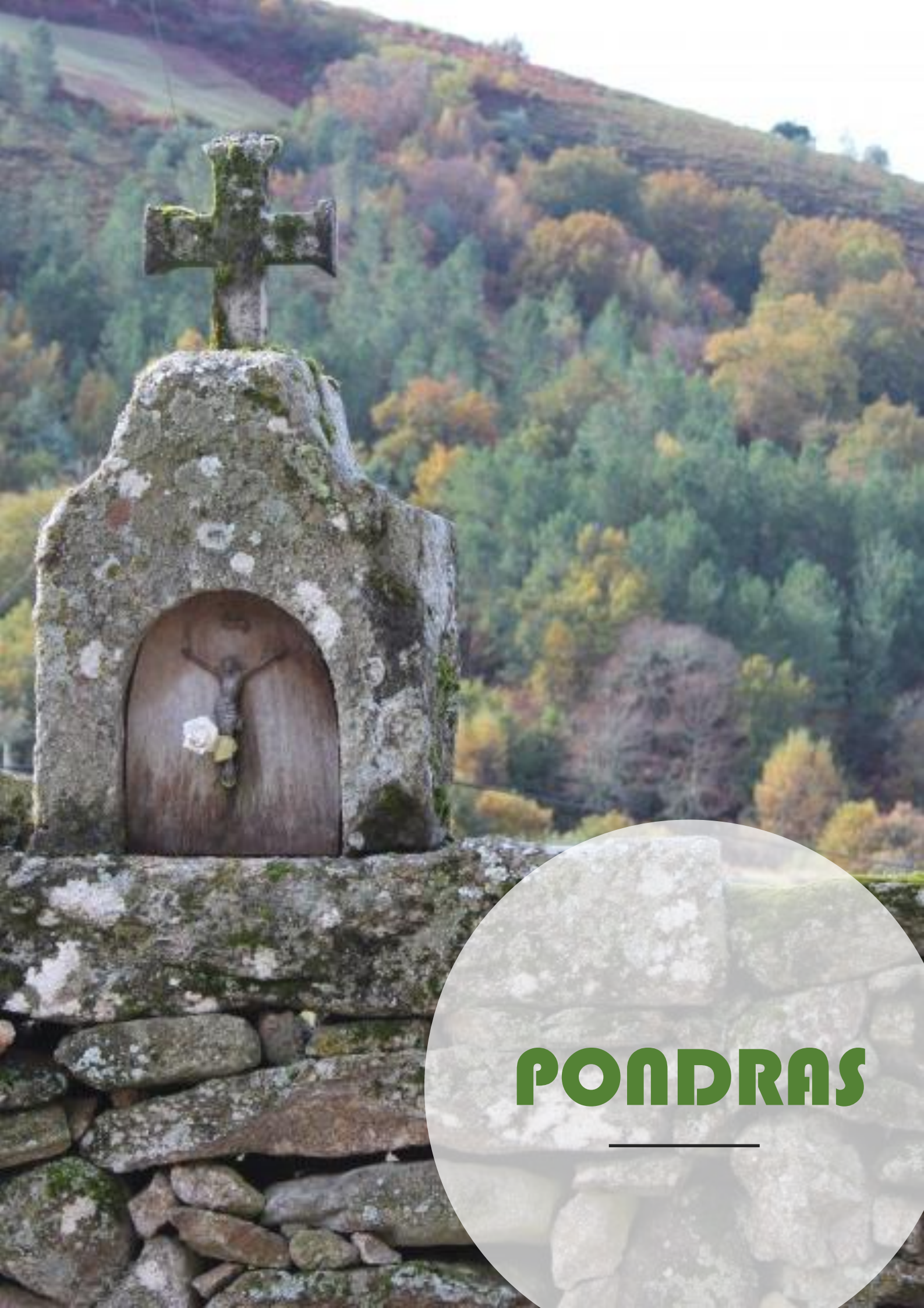
I  
Quem andou sempre topou:  
Um cão de caça na Vila da Ponte,  
Um ladrão em Morgade,  
Uma lebre em Covelo do Monte,  
E uma puta em Viade.



II  
Toda a vida se ouviu dizer,  
Que sempre terá de haver:  
Um cão de caça nas Alturas,  
Uma lebre em Morgade  
Uma puta em Parafita,  
E um ladrão em Viade.







**PONDRAS**

---



I  
Entre Pondras e o Ormeche,  
Andam melros no namoro,  
Eu levo por todo o lado,  
Saudades, amor e choro.



II  
Nunca se ouviu dizer que não:  
Coimbró sem um coelho,  
Paio Afonso sem uma lebre,  
Atilhó sem um burro,  
E as Alturas sem um ladrão!







**MEIXEDO**

---





I  
Ó meu São Sebastião,  
Livrai-me deste degredo,  
Deixei irmãos, pai e mãe,  
Pra me casar em Meixedo.



II  
Se fores a Codeçoso,  
Reza a São Nicolau,  
Mas quem melhor te defende,  
É a camola ou um pau.



**MOURLHE**

Largo  
do Barão  
de Cima



I  
Carvoeiros de Cambezes,  
Calça-marela de Contim,  
Feros-velhos de São Pedro,  
Formigotos de Vilaça,  
Salta-sebes de Paredes,  
Chibinhas de Parada,  
Paus-mandados de Sezelhe,  
Carraceiros de Travassos do Rio,



II  
Verguinhas de Fiães,  
Aluados de Loivos,  
Cucos da Ponteira,  
Arreguichas de Covelães,  
Anjolas de Frades,  
Nabiços de Mourilhe,  
Trombalazanas de Sabuzedo,  
Couveiros de Paradela.

III  
Eu fui ao monte à carqueja,  
Trouxe um molho pequeninho,  
Os rapazes de Cambeses,  
Estão marcados no focinho.



IV  
Dizem os de Frades:  
Guardai três baraças,  
De traseira de mula,  
E dianteira de frades.





**PADROSO**





I  
Adeus lugar de Padroso,  
As costa te vou virando,  
A saída é agora,  
A volta não sei quando.



II  
Padornelos vale pouco,  
Sendim, pouca terra e essa má,  
Respondem os de Padroso,  
Tomaramo-la nós por cá

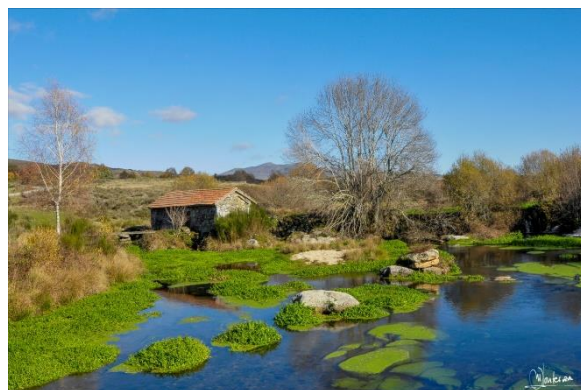






**DONÕES**





I  
Dos lavradores de Donões,  
Nunca ninguém soube nada,  
Nem dos segredos do padre,  
Muito menos dos sacristões.







# SALTO





I  
Não vou mais ao São Miguel,  
De dia ou de madrugada,  
Por mor da ronda de Salto,  
Apanhamos a traulitada.



II  
Ó moças da Venda Nova,  
Apertai esses coletes,  
Olhai as moças de Salto,  
Parecem uns ramalhetes.

III  
Com os do Ameal,  
Antes de bem que de mal.





# SARRAQUINHOS





I  
Os de Sarraquinhos  
(como a porca de Murça)  
São muito honradinhos.



II  
É manha dos de Zebral,  
Comer, bober e dizer mal.





**SEZELHE**







Dois noivos de Sezelhe:

De Lisboa nos mandaram,  
Um guisado com seu molho,  
Um entrecosto de pulga,  
E o coração dum piolho.





# ÍNDICE

## A Barroso

### Preâmbulo

5

<b>Cabril</b>	
8	
<b>Vilar de Perdizes</b>	
10	
<b>Venda Nova</b>	
12	
<b>Montalegre</b>	
14	
<b>Pitões das Júnias</b>	
16	
<b>Viade</b>	
18	
<b>Vila da Ponte</b>	
20	
<b>Santo André</b>	
22	
<b>Fiães do Rio</b>	
24	
<b>Tourém</b>	
26	
<b>Solveira</b>	
28	
<b>Padornelos</b>	
30	
<b>Paradela</b>	
32	
<b>Gralhas</b>	
34	
<b>Cervos</b>	
36	
<b>Chã</b>	
38	

<b>Meixide</b>	
40	
<b>Negrões</b>	
42	
<b>Outeiro</b>	
44	
<b>Covelães</b>	
46	
<b>Contim</b>	
48	
<b>Covelo do Gerês</b>	
50	
<b>Fervidelas</b>	
52	
<b>Morgade</b>	
54	
<b>Pondras</b>	
56	
<b>Meixedo</b>	
58	
<b>Mourilhe</b>	
60	
<b>Padroso</b>	
62	
<b>Donões</b>	
64	
<b>Salto</b>	
66	
<b>Cambeses do Rio</b>	
70	
<b>Sarraquinhos</b>	
72	
<b>Sezelhe</b>	
74	